



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

VELHOS TEMPOS: PRODUÇÃO DE UM CURTA-METRAGEM

Thomás Oliveira da Fraga Goulart

Rio de Janeiro/RJ
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

VELHOS TEMPOS: PRODUÇÃO DE UM CURTA-METRAGEM

Thomás Oliveira da Fraga Goulart

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof^a. Dr^a Katia Augusta Maciel

CIP - Catalogação na Publicação

G964v Goulart, Thomás Oliveira da Fraga
Velhos Tempos: Produção de um curta-metragem /
Thomás Oliveira da Fraga Goulart. -- Rio de
Janeiro, 2021.
64 f.

Orientador: Katia Augusta Maciel.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Radialismo, 2021.

1. velhos tempos. 2. ditadura milita
cinema. I. Maciel, Katia Augusta, orient. II. Título.

VELHOS TEMPOS: PRODUÇÃO DE UM CURTA-METRAGEM

Thomás Oliveira da Fraga Goulart

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

DocuSigned by:
Katia Augusta Maciel
59109B511B374A0...

Prof.^a. Dr.^a. Katia Augusta Maciel – orientadora



Prof. Dr. Afonso Claudio Segundo de Figueiredo



Prof.^a. Dr.^a Victa de Carvalho Pereira da Silva

Aprovada em: 15/03/2021

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ
2020

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que lutaram contra a ditadura militar e deram suas vidas para o estabelecimento da nossa jovem e frágil democracia.

AGRADECIMENTO

Eu gostaria de começar agradecendo a minha família, por toda a base dada até aqui. A minha mãe por sempre estar disposta a me entender e ouvir tudo que tenho a dizer. Ao meu pai por sempre bancar meus sonhos, mesmo que eles sejam só meus. E a minha irmã por estar comigo diariamente durante grande parte desse caminho, eu sei que nem sempre é fácil conviver.

Gostaria de agradecer à Tia Andrea, do DEDICA, por me ensinar pela primeira vez o que foi a ditadura militar e como a cultura foi usada para combatê-la.

Agradeço a Escola do CEPE, a primeira instituição que me incentivou a correr atrás da minha vontade de seguir carreira no audiovisual.

Agradeço a Célia Dzialovsky por colocar em palavras o incentivo citado antes, não sei nem descrever a minha gratidão.

Agradeço a UFRJ, minha primeira grande conquista, aquela que foi fruto de um esforço unicamente meu.

Agradeço a Escola de Comunicação, por me mostrar um lado da vida e da sociedade que eu jamais sonhei ver, a ECO definitivamente me tornou uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus amigos mais próximos Cândida, Leonardo, Marina e Mariana. Vocês tornaram toda essa caminhada mais divertida e prazerosa.

Agradeço a Yasmin, meu maior presente desses anos de graduação, minha maior parceira, incentivadora, a primeira pessoa que escuta tudo que eu penso. Você é parte essencial de quem eu sou hoje.

Por fim, gostaria de agradecer a equipe Velhos Tempos. Muito obrigado por embarcarem nesse projeto comigo, a jornada foi maravilhosa e esse projeto é nosso.

Hoje não estou preso
nem derrotado, nem sozinho.
Na minha parede não há grades
e não há paredes no meu mundo.
Hoje sou o que penso ser,
não o que sou.
(Flávio Tavares)

GOULART, Thomás Oliveira da Fraga. **Velhos Tempos: produção de um curta-metragem**. Orientadora: Katia Augusta Maciel. Rio de Janeiro, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Velhos Tempos é um curta-metragem de ficção inspirado em uma época difícil da história brasileira, a ditadura militar. O filme conta a história de Jorge, que recebe a visita de seu tio Carlos, membro da repressão em busca de estudantes considerados subversivos pelo sistema de governo vigente. Jorge e seus amigos são alguns desses jovens. O filme também mostra a prisão e a tortura de Jorge pelo Capitão Geraldo e Pablo, enquanto seus amigos Francisco e Elisa seguem lutando de outras formas. Por outro lado, Carlos começa a perceber a que tipo de situação submeteu seu sobrinho e quais as consequências que isso trará para a sua própria vida. Esse relatório registra todo o processo de criação, captação e finalização do filme.

Palavras –chave: velhos tempos, ditadura militar, cinema

ABSTRACT

“Velhos Tempos” is a fictional short movie inspired by a difficult time in Brazilian history, the military dictatorship. The film tells the story of Jorge, who receives a visit from his uncle Carlos, a member of the repression in search of students considered subversive by the current government system. Jorge and his friends are some of these young people. The film also shows Jorge's arrest and torture by Captain Geraldo and Pablo, while his friends Francisco and Elisa continue to fight in other ways. On the other hand, Carlos begins to understand what kind of situation his nephew underwent and what consequences this will bring to his own life. This report records the entire process of creating, capturing and finalizing the film.

Palavras –chave: old times, military dictatorship, cinema

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PRÉ-PRODUÇÃO.....	13
2.1 ROTEIRO.....	13
2.2 SOBRE OS PERSONAGENS.....	15
2.3 EQUIPE TÉCNICA.....	16
2.4 FINANCIAMENTO COLETIVO E EQUIPAMENTOS.....	18
2.5 ESCOLHA DO ELENCO.....	19
2.6 DEFINIÇÃO DAS LOCAÇÕES.....	20
2.7 CRONOGRAMA.....	22
2.8 REFERÊNCIAS FÍLMICAS.....	22
3. PRODUÇÃO.....	23
3.1 DIREÇÃO.....	23
3.2 SOM.....	25
3.3 FOTOGRAFIA.....	26
3.4 PRODUÇÃO.....	27
3.5 ARTE.....	28
4. PÓS-PRODUÇÃO.....	29
4.1 MONTAGEM.....	29
4.2 TRILHA SONORA.....	31
4.3 MIXAGEM.....	33
4.4 COLORIZAÇÃO.....	33
4.5 DISTRIBUIÇÃO.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO.....	37

1. Introdução

A realização do curta-metragem “Velhos Tempos” vem de um desejo pessoal de produzir filmes. Desde o início da faculdade, eu sempre quis produzir o máximo que fosse possível.

O primeiro contato que tive com o tema da ditadura militar foi aos 10 anos de idade, quando na minha escola, na 4ª série, fizemos uma apresentação musical que trabalhou o tema. Fizemos danças representando os diversos acontecimentos da época com as músicas compostas durante ela, por quem viveu aquele período. Não foi apenas meu primeiro contato com Chico Buarque, Elis Regina, João Bosco e outros músicos da época, mas foi também a primeira vez que soube o que era tortura. Talvez fosse um tema pesado demais para uma criança, mas me fez crescer com olhos mais abertos. Além disso, a forma como a arte foi um instrumento de protesto nessa época, me fez admirar os artistas e com certeza influenciou a minha formação como ser humano pensante.

Ao longo do meu crescimento, segui tendo interesse pela história do Brasil e do Mundo, assim como tive uma paixão crescente pelas artes, principalmente por música e cinema. Ainda jovem, tive meu primeiro contato com uma câmera filmadora, quando meu pai adquiriu uma que gravava em VHS. Meu sonho era fazer um filme com aquela câmera e eu fiz. A matéria de Literatura, no primeiro ano do ensino médio contava com um trabalho no qual os alunos deveriam representar uma obra da literatura em formato de fotonovela, vi aí uma oportunidade de fazer diferente e pedi a professora para fazer meu trabalho em vídeo. Nasceu aí uma das minhas primeiras experiências com audiovisual: “Dom Quixote de la Mancha”. Junto com mais 5 colegas, recriamos um capítulo inteiro do livro em filme, com direito a armaduras, maquiagem e até um duelo de espadas ensaiado.

A paixão pelo audiovisual já estava estabelecida. O desafio era como levá-la para o futuro. No último ano do ensino médio, surgiu ainda uma oportunidade de fazer um curta-metragem para inscrever a escola em um concurso. O Concurso Cultural Jorge Amado tinha uma categoria para projeto em audiovisual e consistia em realizar um curta de até três minutos representando a vida e a obra de Jorge Amado. O resultado é o curta-metragem “Navegação de Cabotagem” (2010) que ganhou o primeiro lugar no concurso e na véspera dos meus exames de vestibular me fez ter a certeza de que queria seguir carreira no audiovisual.

Alguns imprevistos aconteceram e só cheguei na Escola de Comunicação em 2015, cheio de gás para finalmente estudar aquilo que eu sempre quis. No segundo período, consegui meu estágio num canal de televisão como Diretor de Imagem. Finalmente estava conseguindo aliar minha paixão ao meu futuro profissional. Mas sempre foi dentro da própria universidade que consegui dar vazão aos meus projetos mais pessoais. Assim, consegui realizar o filme “Como Nunca Mais (2018)”, primeiro projeto mais sério, que fiz como trabalho para a disciplina Direção Audiovisual. Entre os outros projetos que participei na faculdade, esse é o mais importante, pois escrevi, dirigi e produzi, além de ter surgido daí uma parceria e amizade com o Bruno Hatzfeld, excelente amigo e roteirista, que escreveu Como Nunca Mais comigo e se tornou meu assistente de direção em Velhos Tempos.

Chegando ao fim da faculdade, tive que decidir o que fazer como trabalho de conclusão, e nunca tive dúvida de que seria um projeto prático. Eu não queria de outra forma. Colocar meus conhecimentos em prática era essencial, aplicar tudo aquilo que estudei durante o curso de Radialismo da ECO. Eu queria fazer um filme, precisava de um roteiro e decidi escrever mais um. Dessa forma, eu precisava decidir sobre o que escrever, sobre o que eu queria falar.

Ao analisar o período político que vivemos atualmente no Brasil, começou a me incomodar a exaltação a torturadores e ao regime militar que se instalou no país de 1964 a 1985. Durante muito tempo aprendemos que tudo que aconteceu naquela época foi um horror: torturas, censura e perseguições políticas. Foram os “anos de chumbo”, e desde os meus 10 anos, como já foi dito, eu estudo sobre o tema e tenho interesse nele. Portanto, foi muito desgastante ver tudo aquilo que eu estudei e aprendi como sendo um show de horrores ser exaltado pelo atual presidente do país. Finalmente, vi no meu novo projeto a oportunidade de fazer um retrato da época e de tudo que aprendi, para mostrar como as coisas eram naqueles anos e como não há nada a ser exaltado, exceto a luta de quem combateu a ditadura.

No meu filme, eu não tentei distorcer nada, apenas criei um retrato fiel a todos os relatos estudados. O meu estudo sobre o tema aumentou exponencialmente e partindo dele eu criei o roteiro e meus personagens. Jorge, Francisco, Elisa, Carlos, Geraldo e Pablo são resultados de várias pessoas que realmente existiram, e embora os fatos mostrados sejam fruto de uma obra de ficção, ninguém pode dizer que aquelas coisas não aconteceram. Pois quem passou por esse tipo de situação jamais vai se esquecer de como foram aqueles anos e aquele período de terror e perseguição. Velhos Tempos vem para mostrar aos dias de hoje que não

podemos apagar nossa história e fingir que coisas ruins não aconteceram, pelo contrário. Devemos sempre nos lembrar da história, para que seu lado ruim nunca se repita.

O cinema por ser uma peça de arte, acaba por ser também um registro histórico de determinado tema ou período. Nesse filme, eu tentei fazer um retrato de um tempo passado, mas com um olhar atual, de forma a mostrar e registrar assuntos ainda relevantes. O filme tem um papel social também, na forma como o cinema se tornou capaz de mostrar retratos da sociedade e ditar tendências. Dessa forma, tento usar essas características do cinema para criar uma obra que faça o espectador refletir sobre o tema da ditadura.

Marc Ferro, o grande historiador que relacionou cinema e história, apresenta o cinema como uma “contra-análise da sociedade” (FERRO, 1995). Velhos Tempos com certeza vem para cumprir esse papel e já tem isso no seu cerne. Ferro indica que o filme, mesmo com suas manipulações, edições e criações pode ser considerado História. Ele diz que “aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto História quanto a História”¹. Ferro analisou em seu texto sobre o cinema como contra-análise filmes de propaganda política, mas numa época atual onde não são mais poucos os que produzem e cada um pode mirar a câmera que tem no bolso e fazer filmes, todos se tornam agentes da História. Continuo citando Ferro:

Nessas condições, empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa. (FERRO, 1995, p.203)

Eu concordo com essa visão. O cinema vai muito além de pura arte ou puro entretenimento. O cinema nos faz pensar, nos causa medo, nos traz novas reflexões e tudo através desse meio tão mágico. Ele é produto não apenas do que se vê em tela, mas de tudo que veio por trás, de todo o contexto social e político de sua produção, é um produto de determinado tempo, também. Todos os filmes são capazes de alterar o espectador de alguma forma, gerar sentimentos dos mais variados.

¹FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p. 203.

Fazer cinema com essa intenção já transforma todo o processo, fazendo com que cada objeto e cada ação tenha um objetivo próprio. Eu tentei fazer uso desses conceitos no meu projeto, como será descrito na sequência.

Esse relatório é um registro da minha experiência ao criar esse pequeno universo. Aqui vou relatar todo o processo de criação do roteiro, direção do filme e todo o trabalho de pós-produção que tive que realizar sozinho devido a pandemia de 2020.

2. Pré-Produção

2.1 Roteiro

A ideia de fazer um curta-metragem como trabalho de conclusão já existia há um tempo, mas eu ainda não tinha nenhuma pista sobre tema para o filme. Eu escrevi um roteiro sobre uma relação entre pai e filho, mas não me agradou muito o resultado final e eu achava pouco relevante ao nosso período atual. Na minha cabeça foi se tornando fundamental que o trabalho tivesse alguma relevância, que não fosse apenas um relato pessoal, mas que tratasse de um tema importante.

Uma noite, em casa, eu comecei a assistir ao filme *Bastardos Inglórios* (2009) e a primeira cena do filme tem um diálogo tenso, no qual um Nazista busca uma família de judeus escondidos numa casa de outra família francesa. Aquele diálogo é um marco do cinema atual, cria uma tensão sem igual, enquanto apresenta o principal vilão do filme. Tudo é muito bem construído com a narrativa. Aquela cena me fez pensar sobre como eu poderia ter algo parecido, mas num contexto de história do Brasil. Estava feito, eu teria um estudante sendo procurado pela polícia durante a ditadura militar.

Após definir o tema, resolvi iniciar uma pesquisa maior sobre o assunto. Li o livro “*Memórias do Esquecimento*”, de Flávio Tavares, no qual ele relata sua experiência pessoal ao ser preso e torturado das mais diversas formas pelo regime militar. Também li “*Olho por olho – Os livros secretos da Ditadura*”, de Lucas Figueiredo, no qual ele relata a existência dos registros de processos militares e expõe uma visão do exército sobre o que teria acontecido. Assisti aos filmes “*O Que É Isso, Companheiro?*” (1997), que conta a história do sequestro do embaixador dos Estados Unidos e o filme “*Batismo de Sangue*” (2006), que conta a história de frades franciscanos, também presos e torturados naquela época. Além

disso, consultei bastante o canal da Comissão Nacional da Verdade, no YouTube, que possui diversos depoimentos, tanto de presos e torturados quanto de torturadores.

A partir dessa pesquisa, que durou aproximadamente dois meses, escrevi a história de Jorge, estudante que é preso por seu tio que não consegue pegar o seu colega “subversivo”, e acaba preso e torturado por militares que desejam extrair informações que ele não tem sobre um guerrilheiro urbano. O roteiro sempre foi dividido em três atos, que se tornaram capítulos. No primeiro, temos a chegada do tio Carlos a casa de Jorge e Francisco, ali apresentam-se os personagens principais e se cria a tensão inicial, culminando na prisão de Jorge. No segundo ato, Jorge é interrogado e torturado pelo Capitão Geraldo e Pablo, para que se extraia informações sobre o guerrilheiro Vadinho. Por fim, originalmente, no terceiro ato, teríamos um Jorge mais velho depondo à Comissão da Verdade sobre suas experiências e fazendo um protesto contra quem ainda defende uma ditadura militar.

Quando terminei de escrever, estava satisfeito com os dois primeiros atos, mas o terceiro não funcionava, não fazia muito sentido. O diálogo parecia raso e não desenvolvia bem uma história com início meio e fim, faltava um arco para os personagens. Então resolvi mudar e incluir a história de Francisco, o estudante que realmente queria se envolver no combate contra a Ditadura e pegar em armas para lutar. Além dele, incluí Elisa, que se junta a esse grupo, mesmo não tendo tanta certeza se quer se envolver. Interrompi a história de Jorge no segundo ato, assim como várias histórias foram interrompidas e não sabemos que fim tiveram, durante os Anos de Chumbo. E concluí o arco de Francisco, pegando em armas para lutar e fazer o que for necessário, nesse caminho sem volta. Além disso, incluí as dúvidas de Carlos, sendo confrontado com as escolhas que tomou durante a história e sofrendo as consequências.

Também acabei incluindo nessa etapa o documento que o guerrilheiro Vadinho deixou com Francisco. Esse documento acabou dando maior força para o interrogatório de Jorge e um motivo para Francisco voltar ao apartamento e encontrar Carlos. O documento acaba tendo seu papel de ligar os acontecimentos, mesmo que de forma um pouco discreta e sem nunca revelar seu conteúdo. Originalmente, no roteiro, o documento seria apenas mencionado. Mas na pós-produção ele acabou ganhando um pequeno tempo de tela.

Aproveitei para incluir no roteiro referências a algumas obras que sempre gostei, seja em objetos de cena, como o sanduíche e a padaria Royale, ou em falas que foram colocadas

aqui em outro contexto, mas retiradas de outros filmes. Cheguei a incluir uma fala dos filmes de Harry Potter, obra que acendeu meus primeiros interesses por literatura e cinema.

O tratamento final do roteiro ficou com 27 páginas e se encontra no fim desse relatório, em anexo. Ele teve 5 tratamentos, no total, que foram sendo modificados de acordo com conselhos de colegas que o leram e de acordo com minhas próprias decisões criativas. O roteiro foi trabalhado durante sete meses, no total. E acredito ter sido fundamental todo esse tempo, durante o qual mergulhei na história do nosso país e pude criar uma história verossímil.

2.2 Sobre os personagens

Logo no início do processo de escrita do roteiro, decidi que os personagens teriam nomes de escritores, compositores e artistas ligados a grupos de esquerda ou perseguidos pela ditadura. Pessoas que através da arte puderam mudar o mundo de alguma forma.

Jorge Amado foi membro do Partido Comunista e sempre ligado a esquerda, como um de meus primeiros trabalhos no audiovisual foi sobre sua obra, não poderia deixar de ser meu protagonista. Carlos é uma homenagem ao meu poeta preferido, Drummond. Francisco é para não esquecermos da diferença que fez a música de Chico Buarque, que sempre conseguiu burlar censuras e mandar recados discretos para os líderes da ditadura. Geraldo Vandré cantou o hino da resistência “Pra não dizer que não falei das flores”. Finalmente, Elisa é uma lembrança a Elis Regina, que cantou a música que mais me marcou sobre o período “O Bêbado e a Equilibrista” e Pablo Neruda que precisou enfrentar também uma ditadura, mas em seu próprio país.

Já os personagens em si têm suas funções na história, que foram construídas ao longo da concepção do roteiro. Os três principais são Jorge, Carlos e Francisco. Eles têm arcos bem definidos. Jorge é o personagem que mais sofre, ele foi inspirado nos estudantes que sofreram nas mãos da ditadura sem nunca realmente terem feito nada, apenas por discordarem de um sistema opressor. Eu tentei deixar subentendido que Jorge sabe sobre os movimentos estudantis, mas nunca entrou em luta armada de fato. Ele simplesmente é levado por seu tio para prestar um depoimento e acaba não saindo de lá. Inicialmente, ele teria um arco maior, mas resolvi interromper a história de Jorge de forma brusca, assim como várias histórias de pessoas reais foram interrompidas sem maiores explicações.

Carlos tem um arco de arrependimento. Ele começa convicto de que tem que repreender e levar os subversivos para a prisão e essa convicção inicial faz com que ele leve seu próprio sobrinho no lugar de quem ele realmente estava buscando. Quando ele se dá conta do que realmente fez, começa a mostrar sinais de arrependimento e isso afeta sua vida como um todo. Quem causa essa reflexão é Jorge, quando diz que Carlos realmente é culpado pelas coisas que aconteceram. Suas ações acabaram por transformar os destinos dos outros personagens do filme, incluindo seu próprio destino trágico.

Francisco é o personagem mais engajado na luta, ele realmente quer fazer a diferença e foi quem apresentou o movimento para Jorge e Elisa. Ele é o elo entre os estudantes e o guerrilheiro Vadinho. Em seu arco, ele passa de um estudante querendo se engajar na luta a um membro da luta armada. Tudo que acontece com Jorge e seus amigos faz com que ele se revolte e quando surge a oportunidade de pegar uma arma ele inicia a sua luta armada, fazendo de Carlos a sua primeira vítima.

Os outros personagens surgiram por necessidade da história. O Capitão Geraldo é o torturador sádico, inspirado em figuras reais, como o General Ustra ou o delegado Sérgio Fleury, ambos torturadores sem escrúpulos. O objetivo dele é conseguir um depoimento, conseguir qualquer informação, seja ela real ou não, e enquanto isso ele tortura a vítima até extrair o que quer. Pablo é seu assistente, está ali para aprender e porque gosta de violência, é um daqueles sujeitos que precisa desse tipo de coisa para se sentir com algum tipo de poder.

Por fim, criei Elisa, que é a companheira de Francisco e amiga de Jorge, ela surgiu apenas no fim da concepção da história, e hoje penso que gostaria de ter lhe dado mais espaço. É uma personagem que se mostra como um suporte a Francisco, tentando balancear a equação da revolta dele, ela quer participar do movimento, mas tem medo das consequências. Ela acaba levando essas preocupações para Francisco quando conversam, mas no fim ela vai atrás dele e também segue seu caminho na luta.

2.3 Equipe Técnica

A equipe foi composta por estudantes de Radialismo e Audiovisual, principalmente da ECO, que tiveram interesse no projeto e disposição de tempo para se encaixar no nosso cronograma. Felizmente, foi muito fácil passar minha visão para os colegas que eu não conhecia e chegamos a um entendimento comum sobre o projeto, que foi a ideia de contar

uma história sobre a ditadura da forma mais real possível, sem esconder nada debaixo dos panos, mostrar qual era a nossa visão sobre o que aconteceu naquela época e como aconteceu.

Desde o início do projeto, eu já tinha definido que Bruno Hatzfeld seria meu Assistente de Direção, já trabalhamos juntos e temos uma boa afinidade. Foi ele quem me colocou em contato com o resto da equipe técnica, que acabou sendo composta na maioria das vezes por afinidade. Bruno também foi responsável por montar a ordem do dia e me deu bastante apoio em relação a decisões criativas, sua opinião sempre teve valor no set.

Gostaria de destacar os produtores Adriano Monteiro e Gabriela Magalhães, que se desdobraram para fazer o projeto acontecer em meio a tantos outros projetos e responsabilidades. Não foi fácil para estudantes de uma universidade cada vez mais plural, com pessoas de vários lugares diferentes, se reunirem em plenas férias para gravar esse projeto. Mas quase todos que se disponibilizaram, entraram de cabeça no projeto e deram tudo de si, o que fica claramente refletido no resultado final.

As funções foram bem definidas e bem desempenhadas por todos. Com um bom trabalho de pesquisa prévia e excelente realização no set.

A equipe de produção foi composta por Adriano na direção de produção e Gabriela na assistência, eles foram responsáveis pelo orçamento e planejamento de custo do filme, além de se responsabilizarem por adequar as agendas de todos, pelo buffet e transporte do elenco. Adriano também coordenou a campanha de financiamento coletivo.

A equipe de arte foi composta por Giullia Pontual como diretora de arte e Raquel Gollner como sua assistente. Elas foram responsáveis pela concepção e aquisição de figurinos, objetos de cena e pela montagem dos cenários. Em tópico específico, detalharei o processo da arte no filme.

A equipe de fotografia teve Juliana Gomes como diretora de fotografia e Fernanda Vinagre na assistência, Juliana me ajudou a iluminar o set e a operou a câmera na maioria das cenas, apenas em alguns momentos específicos eu mesmo operei a câmera, Fernanda foi responsável pela assistência a Juliana e também ficou responsável pelas fotos “still” do filme, que foram utilizadas para divulgação.

No som direto, tivemos a ajuda de Pablo de Lucas e Mariana Mayrink, ambos se responsabilizaram por toda a captação de áudio no set, operando e trazendo equipamentos necessários para o funcionamento, microfones de lapela, direcionais e gravadores.

Por fim, acabei ficando com todas as funções de pós-produção, devido à pandemia e impossibilidade de dividir os trabalhos, por conta do isolamento social. Montei, mixei, fiz a trilha sonora, colorização e finalização.

2.4 Financiamento Coletivo e Equipamentos

Foi necessário fazer uma campanha de financiamento coletivo para conseguir fundos com destinação a bancar a produção do filme. O financiamento foi encabeçado pelo Adriano, que soube muito bem como criar o projeto de arrecadação e definir o orçamento de cada área. O dinheiro foi utilizado para aquisição de materiais para a arte, como aluguel de figurino, confecção de uma cortina de miçangas, objetos de cena. Além disso, foi utilizado para bancar alimentação dos atores e da equipe e para o transporte do elenco.

O gasto com arte foi de R\$720,00. Com a alimentação foram gastos R\$1231,00 e por fim o transporte dos atores custou R\$320,00. Dessa forma, tivemos um gasto total de R\$2171,00. Uma vez que os equipamentos e locações não geraram custos para a produção, não entraram no orçamento.

Quantos aos equipamentos, não foi possível contar com a ajuda da CPM – Central de Produção de Multimídia da Escola de Comunicação. Devido à realização do projeto ser durante o período de férias, eles não cederam nenhum equipamento para a realização do filme. Todos os equipamentos pertenciam a membros da equipe técnica, foram emprestados por amigos ou então comprados por mim unicamente para a realização desse filme. Fizemos uma lista com todos os equipamentos que a equipe tinha e que poderiam ser cedidos para a gravação, os equipamentos que faltaram foram sendo adquiridos ou emprestados por pessoas de fora da equipe.

Utilizamos câmeras DSLR da Canon (Rebel T5 e T6i) com lentes específicas para elas. Para o áudio tivemos microfones de lapela e um direcional para captar diálogos e som ambiente, além dos gravadores, um para cada lapela e um para o boom. Além disso adquiri refletores com *softbox*, além de contar com alguns equipamentos de led emprestados para iluminar. Também utilizamos um rebatedor e difusor de um dos membros da equipe.

2.5 Escolha do Elenco

Os dois primeiros personagens do roteiro foram Jorge e Carlos. Originalmente, Jorge foi escrito para o ator Lucas Miranda, um colega da minha turma de faculdade, que foi um dos primeiros a ler o roteiro e teve opiniões importantes na construção inicial do personagem, sobre a inocência ou não de Jorge, suas origens e motivações. Mas devido a conflitos de agenda, Lucas não pode participar das gravações e teve de ser substituído.

Carlos foi escrito para o ator Jo Borges, com quem eu já trabalhei anteriormente. Jo também foi um dos primeiros a ler o roteiro e teve contribuições na construção de seu próprio personagem, quando fizemos uma reunião ainda na época da concepção do roteiro, na qual discutimos como o personagem reagiria aos fatos, ele foi responsável pelo arrependimento de Carlos e me deu a ideia de criar um arco mais definido para esse personagem, para que ele não fosse pura maldade como já era o personagem Geraldo.

Para os outros personagens do filme, foi necessário abrir uma chamada para testes de elenco. Optamos por fazer um teste online, no qual enviávamos um texto para os atores selecionados e eles nos devolviam um vídeo com sua performance. Dessa forma, podíamos avaliar e chegar a uma conclusão sobre quem se encaixaria melhor. Foi uma experiência boa e nos apresentou ao resto do elenco.

Me surpreendi com a performance de Francisco Rocha, que fez o Cap. Geraldo. Eu já havia trabalhado com ele antes, mas ele fazia personagens completamente diferentes e incorporou o perfil do torturador muito bem durante esse trabalho. Ele chegou com uma pesquisa prévia sobre termos utilizados nas forças armadas e conhecimento sobre equipamentos e métodos de tortura da época. Ele fez uma pesquisa própria para incorporar elementos a sua performance. Baseou seu personagem no típico “cidadão de bem”, aquele que se diz a pessoa mais correta do mundo, mas quando entra no porão para o interrogatório é adepto aos métodos mais sádicos de tortura.

Foi através do teste online que conhecemos nosso novo protagonista também. O Davi Arap foi escalado originalmente para o personagem Pablo, mas demonstrou tanto interesse e vontade de participar, que quando o Lucas saiu do projeto, eu não tive dúvidas sobre quem ficaria com o personagem principal. Hoje não consigo imaginar outro rosto para Jorge. Davi também fez um grande trabalho de imersão no personagem e antes das gravações entrava em contato quase diariamente comigo para encontrar as motivações de seu personagem e

entender sua história. Ele se identificou muito com Jorge, principalmente nas ideias e na inocência dele.

Como Davi se tornou o personagem Jorge, precisamos de outro ator para representar o Pablo. Conseguimos o Anderson Leite, através do Jo Borges, que já havia trabalhado com ele. Expliquei para Anderson quem era esse personagem, que não foi muito aprofundado na história e servia apenas como o assistente de Geraldo. Ele entendeu bem e mesmo com todo o cuidado se entregou nas cenas de tortura com o Davi. Ambos se relacionaram bem, apesar de toda a agressão entre seus personagens. Isso foi importante, para que Davi tivesse confiança nele para combinarem quais seriam os limites das representações. Nenhuma agressão foi real, mas foi indispensável que a atuação fosse o mais próximo possível, tudo sempre planejado e ensaiado momentos antes.

Francisco e Elisa foram papéis entregues a Murillo Bazilio e Carol Couto. Ambos são estudantes de artes cênicas e tiveram menos contato comigo do que o resto do elenco. Mas apostei no fato de que os atores são melhores amigos para tentar transpor essa afinidade para as telas. Tentei explicar o perfil de Francisco para o Murillo, de forma a ele entender as mudanças pelas quais seu personagem estava passando, com as dúvidas se transformando na certeza de se envolver na luta armada. Era ideal expressar o repúdio pelo regime e o sentimento de vingança pelo que acontece com seus companheiros.

Já Elisa acabou funcionando mais como um apoio para Francisco, e foi a visão que passei para a atriz. Ela é uma mulher forte e com vontade de se engajar, mas tem suas próprias dúvidas sobre a intenção de se envolver com armas, a confiança em Francisco faz com que ela queira ser mais ativa.

2.6 Definição das Locações

A definição das locações foi um trabalho meu em conjunto com a arte. Nossa diretora de arte Giullia Pontual criou conceitos de arte muito bem definidos e as locações foram escolhidas de forma a contribuir com a história sem roubar a cena. Uma forma de contextualizar sem aparecer demais, dando espaço para as ações e os diálogos acontecerem.

O conceito que ela me passou foi de uma espécie de naturalismo. Não definimos uma paleta específica para o filme, mas tentamos ser realistas quanto ao perfil de cada personagem e a individualidade de cada locação.

Com essa ideia na cabeça, escolhemos entre alguns apartamentos o meu próprio, em Copacabana. Foi uma forma de unir o útil ao agradável. Meu apartamento conservava portas e lustres dos anos 60 e se encaixava perfeitamente no conceito que buscávamos, além de estar disponível para quando eu pudesse gravar. Também gravaríamos no corredor do prédio, mas não obtivemos autorização.

Além da escolha, Giullia me ajudou a decorar o apartamento. Fomos as compras e encontramos objetos de cena que se encaixaram no local. O apartamento era de estudantes universitários, que tinham um apoio dos pais para morarem ali e uma vida de certa forma confortável. Então pensamos que eles teriam um aparelho de vinil, para ouvir a última do Chico Buarque. Eu fiz uma busca num sebo e encontrei um disco do Chico, no qual saiu a primeira versão da música “Roda Viva”, música de protesto ao regime militar. Eles também teriam uma máquina de escrever, para poderem estudar e produzir artigos, conseguimos uma máquina da época com meu padrasto. Incluímos um cinzeiro, que era objeto comum na época, pois era alto o número de fumantes. Incluímos também cartazes de filmes da época nas paredes, como “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, representando um pedaço de nós mesmos na história, como produtores de cinema. Esse cartaz, especificamente, ficou bem posicionado atrás de Carlos, durante o primeiro ato, criando uma linguagem escondida no qual o personagem do cartaz parece interagir com ele.

Como sua própria marca registrada, Giullia incluiu uma canga na parede atrás do sofá, que funciona como uma peça de arte informal e de baixo custo, bem a ver com estudantes. É uma peça em *tie dye* bem colorida e que deu mais vida e cor ao cenário.

As outras locações foram escolhidas no Palácio Universitário da UFRJ, onde nós estudamos. Foi escolhido lá, principalmente após assistir cenas do filme “O Que É Isso, Companheiro?” (1997), no qual a parte interna do prédio serviu como locações similares. Uma vez dentro do prédio, que conserva aspectos históricos, só foi necessário escolher as salas e corredores mais adequados. Acabei escolhendo a sala 126, que além de ter sido a primeira sala que tive aula na ECO, oferecia um fundo mais neutro e maior dinâmica de iluminação, podendo alternar entre a luz natural, ou obtendo um quase breu ao fechar as portas e janelas. Os objetos de cena dessa locação foram emprestados pelo Prof. José Henrique, do curso de Direção Teatral da ECO. Uma mesa simples e duas cadeiras de escritório também simples, mas com visual clássico. Giullia conseguiu uma máquina de escrever mais avançada e preta para essa locação.

O cenário que serviu como a cela de Jorge é um hall de entrada do Palácio Universitário, que tem as paredes sem finalização, com um aspecto mais brusco. Fizemos um quadro bem fechado, embaixo de uma janela para disfarçar ao máximo, mas acho que funcionou muito bem.

2.7 Cronograma

O cronograma foi definido apenas para as filmagens, pelo Diretor de Produção e pelo Assistente de Direção que também fez a Ordem do Dia de cada diária. Chegamos à definição de quatro diárias no início de Janeiro. Fizemos um ensaio geral no dia 6 de janeiro e gravamos do dia 7 ao dia 10 do mesmo mês. Fora essas datas, o resto do projeto correu sem muitos prazos, devido a indefinição de como seria o ano de 2020, após a pandemia de covid-19.

2.8 Referências Fílmicas

As referências cinematográficas que mais influenciaram meu trabalho na construção desse filme foram, sem dúvidas, *Bastardos Inglórios* (2009), de Quentin Tarantino e *Batismo de Sangue* (2006), de Helvécio Ratton.

Tarantino sempre me atraiu e me influenciou, me ensinou a roubar com estilo. E nesse filme eu fiz isso bastante. Há inúmeros *easter eggs* e pequenas influências de diversas obras que fizeram parte da minha vida e da minha evolução como diretor e apreciador de cinema. A padaria Royale, vem de uma referência a *Pulp Fiction* (1994), que fala sobre o nome de um sanduíche na França. Incluí muita coisa obra de Tarantino. A própria origem do filme, a ideia inicial, veio de um filme dele. O primeiro ato todo do filme pode ser facilmente comparado ao primeiro ato do filme de Quentin sobre o nazismo.

A construção da tensão e da sensação de que algo vai dar errado, até o momento em que realmente dá tudo errado, vem do primeiro ato de *Bastardos Inglórios*. A tentativa de criar diálogos comuns também vem de Tarantino. Tentar sair do foco sempre da narrativa e tentar mostrar como seria uma conversa real, não algo feito apenas para o cinema, nem todo diálogo precisa ter uma função ativa na narrativa. Colocar os personagens para discutir sobre um sanduíche e conversar sobre ele numa situação tensa. Criar um lugar comum no meio da ação, perguntar sobre a partida de futebol no momento de uma sessão de tortura. Tudo isso torna o filme mais real, mais natural. Deixa de ser apenas um retrato específico em que tudo que é dito converge para um objetivo dramático.

Batismo de Sangue serviu para me mostrar como representar a dor dos torturados, assistir como era uma sessão de tortura e qual era o impacto psicológico de tudo isso nas pessoas. Eu indiquei esse filme para todos que participaram do projeto, sem exceção. Helvécio Ratton não teve medo de expor e ser literal quando filmou essa obra e isso me inspirou a seguir o mesmo caminho. Fora isso, o filme é baseado em fatos reais. Não é correto esconder o que aconteceu em nossa história e romantizar a tragédia que foi. É necessário expor e as vezes até mesmo a chocar, para que isso tudo não se repita. Através desse filme, e dessa história, pude perceber os efeitos da ditadura na cabeça de quem foi perseguido e tentei usar essa linguagem na minha própria história.

Além disso, vale mencionar o filme *O Que É Isso, Companheiro?* (1997), que serviu de base para espelhar o comportamento dos grupos de guerrilha e um retrato da vida urbana da época. O filme também aborda essa mesma época, mas de uma perspectiva diferente de *Velhos Tempos*. Eu optei por mostrar mais o caminho das vítimas que foram presas, enquanto o longa foca mais nos membros da guerrilha urbana durante o sequestro do embaixador dos Estados Unidos. É o caminho que Francisco toma após os eventos de *Velhos Tempos*.

3. Produção

3.1 Direção

A direção do filme veio naturalmente desde a própria concepção do projeto. Ao optar por escrever, dirigir e montar, acabei tendo um controle muito grande sobre tudo e sempre trabalhei o projeto tendo os três aspectos em mente. As cenas já nasceram quase prontas, na minha cabeça. Com a chegada da arte e a construção dos cenários, as coisas mudaram um pouco, mas o conceito principal de como guiar a história já estava definido na origem, mostrar as coisas como elas realmente aconteciam.

O processo de tomada de decisões foi bem diferente dos meus outros projetos, devido a uma participação mais ativa de toda a equipe. Mesmo antes das gravações, eu me preparei para alguns cenários. Ao definir que gravaria no meu apartamento, testei algumas iluminações e equipamentos. Me programei para pensar em quais equipamentos seriam necessários e como eu poderia adquiri-los sem a ajuda da CPM.

Ao mesmo tempo, tentei dar liberdade para a equipe, para que cada um pudesse desempenhar sua função com prazer. Todas as ideias eram bem vindas e eu estimei que a equipe falasse sempre que tivesse alguma sugestão ou crítica. Claro que a palavra final

sempre foi a minha, mas muitas ideias surgiram no set, incluindo alguns ajustes de roteiro. Posso citar por exemplo o momento no qual não obtivemos autorização para gravar no corredor do meu prédio, onde aconteceriam algumas passagens. A solução veio da própria equipe de incluir a cena com Jorge e Francisco no apartamento, que se tornou um *flashback*. A cena substituiu a sequência que aconteceria no corredor, e eu acredito que funciona melhor do que a ideia original.

Quanto a atuação, é uma área na qual ainda estou tentando me aperfeiçoar. Me senti mais à vontade nesse projeto para guiar os atores, uma vez que eu criei os personagens todos e sabia muito bem quem eles eram. Estimulei o elenco a criar ainda mais, em cima do que eu já tinha definido para cada um. Eu fiz um perfil de cada personagem com cada ator e eles trabalharam com isso e com o roteiro. Além disso, tivemos um encontro antes da gravação para ler o roteiro e um ensaio antes de gravar.

Gostaria de ter tido mais ensaios com alguns atores, mas a agenda de todos não permitiu que fosse possível. Ainda assim, com quem eu consegui trabalhar mais, chegamos a resultados muito bons. Fiquei muito tranquilo para tirar as dúvidas de todos sobre os personagens, por ter trabalhado muito na criação deles e da história. Portanto, eu sempre tive resposta para todas as dúvidas sobre quem eram essas pessoas que estávamos falando nesse filme e quais eram suas intenções, seus passados e seus destinos.

Com tudo isso definido, veio a decupagem. Fiz uma decupagem guia para a produção, mas sempre soube que a câmera só encontraria seu lugar no set, com os cenários montados e as pessoas no lugar. Tentei trabalhar com a aproximação e os closes mais fechados quando chegávamos a momentos de maior tensão e foquei bastante em mostrar as pessoas do filme, essa história é sobre essas pessoas. Quando possível incluí movimentos, e tentei em alguns momentos trabalhar com a câmera na mão, para dar mais vivacidade. Afinal, eram tempos conturbados. Por falta de um equipamento melhor para o foco, nem sempre consegui segurá-lo quando havia muito movimento na cena, atingindo em alguns momentos o que chamamos de foco doce. Em alguns momentos isso me pareceu até trabalhar a favor da história, como no momento da cena de tortura, em outros momentos só atrapalhou mesmo, mas era uma limitação que eu sabia que teria.

No geral, dirigir foi um processo satisfatório, no qual consegui atingir meus objetivos ao longo dos quatro dias de filmagem. Alguns momentos foram bem intensos, foram dias de muito calor e as quatro diárias pareceram pouco tempo para filmar tanta coisa. Devido a esse

fator, não foi possível repetir ou ter múltiplas tomadas de todas as cenas. Quando conseguíamos um resultado bom de cada cena, seguíamos para a próxima.

Também houve momentos pesados emocionalmente, como a filmagem das cenas de tortura. Alguns membros da equipe técnica não conseguiram suportar a história e a dramatização dos eventos e aguardaram a realização da cena fora do set. Mas isso só fez perceber que consegui atingir o nível de realismo que busquei, e espero que cause no público a percepção do que as pessoas que passaram por isso realmente sofreram.

O trabalho em grupo certamente é essencial durante um set, e acredito que consegui escolher uma ótima equipe, o que me facilitou muito na hora de tomar decisões. O trabalho fluiu facilmente e prazerosamente, a equipe teve um entrosamento ótimo, não apenas a equipe técnica, mas também o elenco. O ambiente foi sempre divertido e funcionou em prol da arte, e isso, por si só, já valeu toda a experiência.

Portanto, o processo de direção foi focado na concepção estética do projeto, decidindo questões de fotografia, direções para a produção, preparação dos atores e desenvolvimento dos personagens, na parte de filmagem e em toda a finalização do filme, incluindo edição e mixagem de som e trilha sonora.

3.2 Som

Para a captação do som, foram utilizados três microfones. Um microfone direcional com uma vara boom (Sennheiser Me-66, emprestado), que serviu para capturar o ambiente e as falas nos cenários com maior controle e dois microfones de lapela, (Sony ESM CS3), para melhor captação dos diálogos, com menos vazamento de som ambiente. As lapelas foram gravadas em gravadores Zoom H1, nos bolsos dos atores e o Direcional foi gravado num Zoom H5, operado pelo Pablo de Lucas.

A ideia na captação era pegar principalmente os diálogos, mas tivemos que lidar com diversos vazamentos durante o processo. Ao gravar na cidade grande em horário comercial, é um risco que não tivemos como não assumir. Mas ao mesmo tempo, o filme se passava num centro urbano, portanto, não foi de todo ruim. O material foi captado pela equipe de áudio, que originalmente também seria responsável pela edição e mixagem, mas durante a pós-produção, optei por dar seguimento a mais esse trabalho sozinho, uma vez que o resultado inicial entregue não tinha sido satisfatório e foi realizado com atraso de quatro meses.

A captação em si foi bem realizada na maioria das vezes, e como utilizamos vários microfones, houve redundância. Em alguns momentos um dos microfones não conseguiu captar alguma coisa, mas os outros estavam com o resultado perfeito, sendo possível sempre ter áudio de qualidade para a edição final.

3.3 Fotografia

A fotografia foi uma questão importante, desde o início do projeto. Mesmo antes da chegada da Diretora de Fotografia Juliana Gomes, eu já havia iniciado o processo de testes de lentes, enquadramentos e iluminação. Decidi que filmaria com a minha câmera, uma Canon T5, escolhi filmar em 24 quadro por segundo, padrão do cinema americano, e com velocidade de obturador em 1/50, para obter o visual característico do cinema, com um belo *motion blur*.

Para filmar as cenas de tortura e a cena final eu tinha em mente que precisaria de lentes claras, então adquiri também duas lentes da Canon, uma 24mm com abertura f2.8 e uma 50mm com abertura f1.8. Essas duas foram as principais lentes utilizadas durante todo o filme, sendo utilizado apenas mais uma lente para uma tomada aberta dentro do apartamento, a 10-18mm f4.0.

As tomadas em sua maioria eram estáticas, variando entre o tripé e a câmera no ombro de acordo com a necessidade e intensidade das cenas. Utilizamos um equipamento de ombro para segurar a câmera nas cenas de câmera na mão, de forma a dar mais estabilidade.

Para a iluminação contamos em vários momentos com a luz do dia, nas cenas mais escuras, tínhamos equipamentos de iluminação como *softbox* e refletores, além de alguns equipamentos de *led*. O ator Francisco Rocha também acabou nos ajudando a iluminar as cenas que se passaram no Palácio Universitário, uma vez que ele também é iluminador profissional com experiência na área. Em outras cenas, como as do apartamento, equilibramos a luz do dia com rebatedores e os *led* para as correções necessárias. Tentamos atingir uma iluminação mais natural, aproveitando as fontes de luz de cada cenário, para servirem de base. Nosso equipamento apenas intensificava ou balanceava esse desenho de luz.

Na câmera, escolhi o perfil de cor *cinestyle*, que gerou um arquivo final com maior alcance dinâmico e pouca saturação, isso me permitiu uma maior facilidade de trabalhar a cor na pós-produção, dando uma maior maleabilidade no arquivo e foi pensado desde o início. Foi possível alterar e corrigir as cores, sem perder qualidade e informação de luz.

Durante a cena do apartamento, utilizamos em conjunto com a câmera principal uma Canon T6i, também para aproveitar melhor o pouco tempo que tínhamos disponível para gravar, acelerando assim o processo de captação. Ambas as câmeras tinham as mesmas especificações e configurações, e se revezavam no uso das lentes disponíveis.

No conceito estético, tentei sempre valorizar os primeiros planos e os gerais para passar a visão das cenas. Acredito que atingi uma decupagem bem clássica, com planos e contra planos e apostando na profundidade de campo para focar nos personagens quando necessário. Nas cenas de tortura, tentei fazer com que tudo fosse incômodo, inclusive as imagens, a captação contava com pouca luz e o foco nem sempre muito afinado. As cores eram sempre menos saturadas, mais lavadas, que em alguns casos foram corrigidos na pós, mas na maioria era o objetivo chegar a esse conceito mais frio mesmo, para mostrar o clima predominante naqueles tempos.

A fotografia foi a forma de mostrar e sintonizar o espectador na época que o filme se passa, apresentando a história e definindo o seu clima.

3.4 Produção

A produção de Adriano Monteiro e Gabriela Magalhães já foi destacada aqui nesse relatório. Eles foram responsáveis por toda a captação financeira, através do financiamento coletivo, além da organização do nosso cronograma e conciliação das agendas. Durante a filmagem, apenas Adriano esteve presente fisicamente, sendo responsável pelo transporte do elenco e alimentação da equipe toda, além de organizar a fluidez do set. Mas apesar de distante, Gabriela preparou tudo muito bem antes de viajar e manteve contato constante comigo e Adriano durante os dias de gravação.

Eles fizeram a criação do Drive Virtual do filme, no Google, de forma que todos os documentos necessários estavam acessíveis para a equipe. Lá era possível encontrar os endereços das locações, ordem do dia, roteiro, decupagem, referências de direção, arte e fotografia. Havia uma planilha com dados e contatos de todos os membros da equipe e do elenco. Também fizeram os contratos de cessão de imagem que foram assinados pelo elenco e armazenados em segurança.

Ficaram responsáveis também pelo contato entre a direção e a equipe, através da criação de grupos no *Whatsapp*. Eles faziam comunicados sobre as questões principais, como agenda e disponibilidade e levantavam com a equipe todas as possibilidades. Dessa forma,

sempre chegavam a mim com uma solução pronta para as questões que tínhamos. Foi assim que definimos as datas de gravação, composição do elenco, datas dos testes e da leitura do roteiro.

Adriano também desenvolveu ótima relação com toda a equipe e elenco, se tornando um elo indispensável durante a fase de produção do filme. Acho que é uma das principais funções da produção, além da organização, ter um bom relacionamento e entrosamento com a equipe. Isso faz com que seja mais fácil ajudar a definir as questões e problemas que sempre aparecem de última hora, e nossa equipe de produção estava bem preparada para lidar com qualquer imprevisto. Felizmente não tivemos nenhum que fosse grave.

No geral, tudo funcionou, e o orçamento foi mais que suficiente para a realização do projeto. Inclusive, sobrou dinheiro em caixa para a realização de uma última confraternização do elenco e da equipe no fim das gravações.

3.5 Arte

A direção de arte ficou a cargo de Giullia Pontual, que levou todos para a época do filme e definiu todo o conceito do que iríamos mostrar em cena. Ela captou a essência de cada personagem, definindo também os figurinos e as cores. Ela mesma disse que decidiu ter uma abordagem naturalista, de forma a não forçar tanto um conceito específico, mas transportando a história para o seu devido tempo, que era a transição dos anos 60 para os 70.

Ela apresentou diversas referências próprias e poderia escrever um relatório a parte sobre isso. Nós tivemos algumas conversas sobre onde iríamos chegar e do que precisaríamos comprar ou buscar para integrar nossos cenários e nossos figurinos. Ela também pesquisou obras sobre a época e da época e montou uma pasta com fotos de referência para termos como base. Movimento hippie, Tropicália, Novos Baianos e mais alguns foram referência nessas imagens. Saímos juntos e fomos a alguns antiquários e brechós em busca dos itens necessários e encontramos tudo.

Cada peça de roupa e cada peça do cenário foi pensada e escolhida para estar ali. E mesmo as coisas que eu mesmo quis, passaram pela aprovação da Giullia, que ganhou muito o meu respeito por entender bem a essência de cada cenário e de cada personagem. Ela foi responsável inclusive por confeccionar a cortina de miçanga que fica no apartamento de Jorge e Francisco, cortina que se tornou peça permanente da minha casa.

Sobre as locações eu já falei um pouco em momento anterior, todos os objetos foram pensados para compor o set. Além disso, ela escolheu os figurinos levando em consideração o perfil e desenvolvimento de cada personagem. O figurino de Jorge não muda durante o filme, mas é a roupa de um estudante que iria se arrumar para sair, uma roupa bem simples e que é a sua única na história, devido ao seu destino.

Para Carlos, ela começou com uma roupa mais formal, bem arrumada e justa. E esse figurino vai se alterando ao longo do filme, ficando mais desleixado e se tornando mais escuro, acompanhando o próprio arco do personagem. À medida que suas dúvidas vão surgindo, sua roupa ainda vai ficando mais largada e desleixada.

O Cap. Geraldo tem um figurino mais certinho, com seus óculos de aviador para a cena diurna e seus tons de azul. A camisa está sempre para dentro da calça, cinto e tudo muito bem ajustado, como seria de se esperar de um militar rígido como ele. Já Pablo se veste como um *bad boy*, com jaqueta e calça jeans, camiseta vinho, e um visual mais jovem e despojado. Ele lembra bastante alguém que sai a noite para arrumar confusão.

Francisco teve seu figurino um pouco mais livre, com mais cores, baseado em artistas e movimentos culturais da época. Ele usa um colete quase hippie em sua primeira aparição. Quando a história fica mais séria, seu figurino também acompanha, ficando mais escuro e formal. Elisa também tem um figurino quase ligado a Jovem Guarda, com sua maquiagem bem feita e lenço com laço na cabeça, valorizando suas expressões e destacando seu rosto, usa cores mais vívidas, pois assim é sua personalidade.

4. Pós-produção

4.1 Montagem

A pós-produção do filme se iniciou apenas após as gravações. A montagem se iniciou com toda a organização dos arquivos. Foram aproximadamente 5 horas de material bruto a ser catalogado e escolhido. Após toda essa organização, seria dado início a edição, foi quando teve início o isolamento social, por causa da pandemia de covid-19. Eu utilizei o *Adobe Premiere* e o *After Effects*, que adquirei para o projeto, pagando sua mensalidade

Devido ao isolamento, apenas eu tinha todos os arquivos do filme e era muita coisa para compartilhar pela internet. Então acabei optando por iniciar sozinho essa pós-produção. O que acabou sendo de muito valor, pois tive que aprender e desenvolver minhas habilidades

em todas as áreas necessárias. Desde a própria montagem e sincronização dos arquivos, até a conceitos de efeitos de imagem, para esconder vazamentos de boom ou esconder algumas outras coisas em cena.

A montagem em si foi muito tranquila de fazer, pois como eu já tinha escrito e dirigido sabendo que iria montar, já sabia muito bem qual era a ideia. O projeto foi feito por capítulo. A cada capítulo finalizado, fui para o próximo. Tentei ao máximo dar ritmo as cenas e construir as tensões, principalmente no capítulo 1, onde a história é apresentada. Ali fiz cortes de acordo com os diálogos e reações, partindo sempre para os planos mais fechados quando a tensão aumentava. Incluí em algumas tomadas um movimento de zoom feito no próprio editor, de forma bem suave, para aproximar ainda mais o espectador dos personagens e verem bem de perto suas reações aos acontecimentos. Como foi nessa cena que usamos duas câmeras, fazer a transição entre enquadramentos, foi relativamente mais fácil, uma vez que podia fazer cortes no meio de um diálogo utilizando a mesma performance.

No capítulo 2, que é o mais extenso, foi necessário definir as tomadas e dar um ritmo, mas entre cada cena. Mudei em alguns momentos nos quais cada cena começaria e onde terminaria, além de definir como ligar cada uma delas. Optei em vários momentos por não fazer cortes, como nas cenas de tortura, justamente para manter a intenção original de causar incômodo. Além disso, as performances de cada tomada das cenas de tortura eram tão únicas que não fazia sentido mesclar. Foi necessário também adicionar efeitos sonoros para a máquina de choque e para os socos. Alguns efeitos especiais para esconder elementos modernos do cenário e vazamentos de microfone foram aplicados nesse capítulo.

Já o capítulo 3 tem um andamento próprio, quando apresenta Francisco e Elisa e pula para o momento de tensão final, com o embate entre Francisco e Carlos. Tentei ao máximo acompanhar na edição a velocidade da história, sem correr demais e sem deixar muito arrastado, tentando prender os olhos de quem assiste na tela. O diálogo entre Francisco e Elisa, não foi cortado, pois foi planejado para ser feito em take único e não havia como fazer um corte nele.

Na cena final, o diálogo entre Carlos e Francisco, foi onde fiz mais experiências, sempre alternando onde entrariam as reações e as falas, até chegar ao resultado que ficou. O ritmo que encontrei ao fim foi o melhor, mantendo a estratégia de usar os planos fechados para as reações mais tensas e os planos abertos para mostrar o embate entre os dois e suas

posições. A posição de Carlos nesse ato se inverte com a do primeiro e tentei mostrar isso muito bem na montagem, o seu papel muda, assim como a sua posição no mesmo cenário.

Após montar os atos, acabei criando uma introdução com os créditos iniciais e imagens de arquivo, para situar o espectador na época, mas sem introduzir a tensão que virá, fazendo a transposição entre os arquivos de época e o meu material original de forma sutil. Também incluí um trecho do programa A Voz do Brasil, no qual foi anunciado o tão temido e horrível Ato Institucional N° 5, para antecipar o que Jorge iria enfrentar, entre o primeiro e o segundo capítulo.

Ao concluir o primeiro corte, entretanto, dei falta de um respiro no final do filme. A história terminava de forma abrupta e falei tanto sobre existir um documento dos guerrilheiros, mas em momento nenhum mostrei o tal documento. Então filmei sozinho a cena final, que mostra a mão de Carlos pingando sangue no documento, manchando a história de Francisco e dando finalmente um respiro ao final do filme. A mão que aparece no fim é minha. É quase poético, incluir nesse projeto que tem tanto de mim a minha própria mão, de forma literal.

Também acabei optando por incluir uma cartela com os destinos dos personagens. Não era uma coisa que me atraía originalmente, mas acho que acabou fazendo sentido, por trazer um pouco mais da consequência dos acontecimentos e terminando por destacar a impunidade de quem cometeu tantos atos de tortura, que são crimes contra a humanidade. O Capitão Geraldo viveu com tranquilidade, enquanto todos os outros tiveram destinos trágicos.

Todo o processo de corte foi intercalado com apresentações dos cortes a pessoas próximas. As críticas me ajudaram a perceber onde eu deveria fazer ajustes, uma vez que já fiquei viciado em vários aspectos do filme e não conseguia perceber onde poderia melhorar. Dessa forma, recebi muitos conselhos e consegui lapidar o trabalho cada vez mais, até chegar ao resultado final, estendendo algumas tomadas e incluindo outras.

4.2 Trilha Sonora

Para a realização da trilha sonora, optei por compor todas as músicas do filme. Sou músico desde os 8 anos de idade, na maioria das vezes por hobby, mas também já ganhei algum dinheiro tocando na noite. Sempre tive interesse em composição, mas nunca tinha experimentado compor com orquestra. Então comprei um pacote de instrumentos virtuais da

empresa *EastWest*, chamado *Composer Cloud*, que produz sons de orquestra e comecei a compor, no software *Reaper*.

Iniciei compondo a música que começa o filme: uma bossa nova no violão. A bossa era um gênero característico da época e muito difundido no exterior, serviu para vender o Rio de Janeiro como a cidade maravilhosa e mostrar um aspecto esbelto da vida brasileira que logo no início do filme já fica de lado.

Quando mostro Jorge e Carlos conversando, incluí aspectos de suspense na trilha, para ir construindo o tema e elevando o sentimento de que algo vai chegar num estopim. Durante o interrogatório, há apenas o ambiente de fundo, mas no momento da tortura, incluí uma composição feita para voz de coral. Uma voz solitária que canta de forma quase etérea, chamando Jorge para o outro lado. Em alguns momentos é um contraponto, uma melodia tão delicada para um momento tão cruel, mas acredito que funciona bem para representar a dor e a quase ausência de Jorge, diante de tanta crueldade.

Durante a conversa de Francisco e Elisa, incluí uma performance própria de Für Elise. Essa música esteve presente no meu curta de 2010 sobre Jorge Amado, esteve presente na abertura de *Bastardos Inglórios* (2009) e seu nome significa “para Elisa”. Acredito que caiu muito bem ter essa música e com tanto significado. Ela embala a tensão da conversa entre eles e termina com uma transposição para outra composição tensa.

Na cena final, volto ao tema tenso, construindo uma trilha de suspense, mas sem tentar roubar a cena, trabalhando a favor dela sempre. Ao final de tudo, volto ao tema da tortura, mas dessa vez num novo contexto. É a tortura psicológica de Francisco ao matar Carlos, e como isso afeta sua cabeça, além de ser também uma homenagem a Jorge, cujo destino não ficamos sabendo até a cartela final.

Optei por trabalhar mais com instrumentos percussivos e de corda, sempre definindo um ritmo constante e trabalhando com notas mais graves. Os momentos de notas mais agudas são sempre em partes de estouros das tensões construídas com as notas mais graves, para as quais acabo voltando, mantendo uma certa cama de música no fundo para as ações acontecerem.

Além disso, as músicas foram compostas especificamente para os trechos do filme, ou seja, eu compus com o primeiro corte do filme rolando, de forma que cada mudança de notas e acordes foram feitas levando em consideração as ações e o tempo da edição.

4.3 Mixagem

A mixagem seria feita pela mesma pessoa que fez a captação. Mas ele atrasou 4 meses para me entregar o primeiro ato, e quando entregou o resultado estava muito abaixo do esperado. Então resolvi fazer sozinho mixagem e edição do som, utilizando os softwares *Reaper*, *Adobe Audition* e o próprio *Adobe Premiere*.

O trabalho foi principalmente o de limpar e organizar as faixas e priorizar os diálogos. Além disso tive que balancear as faixas com a trilha e incluir os efeitos sonoros. Incluí efeitos na hora dos disparos da arma de fogo, na hora dos socos, na hora do choque e em toda a cena na qual Jorge escuta uma mulher sendo torturada com choque. Todos esses áudios foram baixados de bancos sonoros gratuitos na internet, após pesquisa de quais seriam mais adequados. Em alguns momentos também incluí um som ambiente, para disfarçar as diferenças entre as captações dos microfones.

Além disso, balanceei os áudios dos diálogos com a trilha sonora. Nesse ponto, o produtor Adriano Monteiro me recomendou que desse maior atenção, pois em um dos primeiros cortes que ele assistiu, ele achou que a trilha estava roubando a cena por estar muito alta durante trechos do último ato. Então durante a mixagem, acabei editando parte dessa trilha, para que ela não ficasse sobreposta às atuações e isso valorizou mais o trabalho dos atores.

4.4 Colorização

A colorização foi feita no próprio software de edição (*Adobe Premiere*), através de plug-ins nativos, e tentou priorizar principalmente os tons mais frios. Já tinha gravado o material com um perfil de cor mais maleável e com pouca saturação, para que as intervenções não prejudicassem a qualidade do arquivo final.

O trabalho foi principalmente o de corrigir os balanços de branco, escurecer cenas que precisavam ser escurecidas, para prevalecer o aspecto noturno, e equilibrar tomadas realizadas em diferentes horas do dia e com iluminações levemente diferentes. Tentei dar uma unidade a todas as tomadas através da cor, mas mantendo o mesmo padrão para todos os capítulos do filme, sem diferenciar muito no que diz respeito as tonalidades do vídeo. Afinal, as peças

escolhidas pela arte já tinham cores ótimas, então tentei apenas manter a essência delas de forma homogênea em toda a história.

Nas cenas noturnas foi necessário dar um pouco mais de atenção, pois em algumas situações gravamos com mais luz para que o aspecto final fosse definido nessa etapa da pós-produção mesmo. Portanto, fiz um escurecimento das imagens no software de edição, reforçando a escuridão onde ela era necessária e destacando o brilho onde deveria, tentando guiar os olhos do espectador dessa forma.

Cor é sem dúvidas um aspecto de grande importância, mas as questões mais importantes sobre ela foram definidas pela arte e pela fotografia. Na pós-produção, a colorização teve o papel apenas de situar o clima, transformando todo o ambiente em um lugar um pouco mais frio, condizente com a trama.

4.5 Distribuição

O filme ainda não foi exibido publicamente, mas pretendo distribuir principalmente em festivais de cinema, tanto no Brasil quanto no exterior. A ideia principal de um filme é ser visto. Dessa forma, a equipe está unida em espalhar o filme para o mundo. Será um desafio, mas um desafio a ser encarado com gosto.

Após o período que o filme for aceito em festivais, que pode ser de um a dois anos, eu pretendo reeditar a obra e disponibilizá-la online, mas dessa vez em forma de websérie. Acredito ser possível editar cada capítulo como um episódio, de forma a explorar essa nova linguagem e disponibilizar a história de forma gratuita em alguma plataforma online, para que cada vez mais pessoas possam assisti-la.

Afinal, queremos contribuir para a conscientização de todos sobre o assunto que tratamos. O filme é sobre isso, sobre nos fazer refletir sobre os acontecimentos do passado e construção da nossa história. Portanto, torna-se necessário que ele seja visto pela maior quantidade de pessoas que for possível.

5. Considerações Finais

Esse projeto tem tudo de mim, ele com certeza nasceu quando eu tinha 10 anos e fiz a minha apresentação sobre a ditadura militar. Todo o conhecimento que obtive ao longo da vida sobre história, arte, música e cinema culminaram nele. Ele tem a minha cara, a minha mão e a minha alma.

Foi uma experiência muito enriquecedora e compartilhada com pessoas muito importantes e talentosas. Além de tudo isso, o trabalho conseguiu o que eu queria, relevância. O tema da ditadura militar voltou a ser questionado, nos dias de hoje, e parece que as pessoas se esqueceram do que é viver sem liberdade. Velhos Tempos veio para lembrar como era esse tempo de muito medo, uma época na qual quem deveria nos defender, nos prendia, torturava e matava, apenas por pensar diferente.

A trama pode até não ser real, essas pessoas especificamente não existiram, o filme é fictício, mas apenas até certo ponto. Existe uma certa realidade nisso tudo, que vai além da verossimilhança, é uma história possível e até verdadeira. É um retrato de várias histórias que realmente aconteceram, aglutinadas numa peça cinematográfica com um propósito maior de transformar em arte um período tenebroso da história do Brasil.

O conceito é mostrar em tela como as coisas realmente se desenrolavam. É preciso retratar que quem lutou contra a ditadura também precisou sujar as mãos, mas se não fosse dessa forma, as coisas não teriam mudado. Se todos abajassem a cabeça e virassem os olhos para ignorar todo o mal trazido por um regime de governo extremamente opressor, até hoje viveríamos nele.

Infelizmente, os tempos recentes parecem flertar com essa época, grande parte do povo prefere ignorar a história e pede nova intervenção militar. O povo não se sente responsável por erros do passado e parece não querer acreditar ou não se importar com as consequências de se cometer os mesmos erros. Acredito que é apenas com um retrato fiel da história e exposição das consequências que essas ações tiveram no passado que poderemos prevenir que elas aconteçam de novo, seja no tempo presente ou no futuro. Velhos tempos é um retrato atual de uma ditadura que aconteceu há décadas atrás, mas mesmo assim ainda se mostra presente em pleno 2020.

A ditadura não está tão distante, muitas pessoas que viveram as consequências diretas dela ainda vivem hoje em dia. Entretanto, apenas o relato delas não parece ser suficiente para conscientizar toda a população. Eu acredito que é através da arte e do cinema, e de seu papel como agente histórico e social, que podemos passar esse entendimento sobre como os velhos tempos foram prejudiciais e ajudar a contar a história do nosso país sem distorções, de forma a evitar que os mesmos velhos erros sejam cometidos por novas pessoas.

Referências Bibliográficas

Textos

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). *História: novos objetos*. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p.199-215.

TAVARES, Flavio. *Memórias do Esquecimento*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FIGUEIREDO, Lucas. *Olho por olho: os livros secretos da ditadura*. São Paulo: Record, 2009

Filmes

BASTARDOS INGLÓRIOS/INGLOURIOUS BASTERDS. Direção: Quentin Tarantino. Estados Unidos, 2009.

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? Direção: Bruno Barreto. Brasil, 1997.

BATISMO DE SANGUE. Direção: Helvécio Ratton. Brasil, 2006.

Anexo – Roteiro Final

VELHOS TEMPOS

Thomás Goulart

06/12/2019 - 5º tratamento V5

velhostemposfilme@gmail.com

PRIMEIRO ATO: A VISITA

1 INT. - SALA DO APARTAMENTO - DIA 1

Batidas fortes na porta ao longe em black. Abre e a câmera filma a sala do apartamento. Os planos passeiam pela sala do lugar, até chegar em JORGE.

2 INT. - BANHEIRO DO APARTAMENTO - DIA 2

JORGE está lavando o rosto na pia. Ele tem o rosto bem cansado, acabou de acordar. Em OFF as batidas recomeçam e são mais brandas. Ele enxuga o rosto e sai para a sala.

3 INT. - SALA DO APARTAMENTO - DIA 3

Jorge abre a porta, um outro homem está parado na entrada. Ele está bem arrumado. Seu nome é CARLOS. Ele estende a mão para Jorge, que a aperta devagar.

CARLOS

Bom dia, Jorginho.

JORGE

Bom dia, tio.

CARLOS

Acordou agora?

JORGE

É... Tenho aula, já vou sair.

CARLOS

Acho então que posso entrar e tomar o café da manhã com você.

JORGE

Hã... Mas eu tenho que sair agora.

Carlos entra, enquanto Jorge fica parado na porta. Carlos analisa o lugar.

CARLOS

Vai ficar parado aí?

Jorge demora a entender. Então se dirige à sala. Carlos continua a falar, enquanto analisa o lugar.

CARLOS

Bom lugar esse. Bem localizado. Na sua idade, eu ainda tava no quartel, isso aqui é luxo pra vida de lá.

Carlos olha as coisas dispostas na mesa e na parede. Há uma fotografia de FRANCISCO abraçado com ELISA na parede. Ele fica olhando pra ela por um tempo e volta a analisar o apartamento.

CARLOS

Você costuma tomar café em casa? Um colega me falou que a padaria Royale aqui perto tem o melhor pão com manteiga da cidade. Eu trouxe um pra gente.

JORGE

É. Fica ali na esquina. Tem um de queijo que é muito bom...

CARLOS

Então, aproveita e faz um café pra gente tomar com esse pão.

JORGE

Vou colocar a água pra ferver.

CARLOS

Eu estive conversando com sua mãe outro dia. Ela me disse que você tá gostando bastante da faculdade. Que frequenta todas as aulas e se tornou um aluno exemplar. Direito?

JORGE (OFF)

Isso.

CARLOS

Eu sabia que ia ser doutor. Só não lembrava de quê.

Jorge volta para a sala já com o café.

CARLOS

O advogado da família. O orgulho, aluno da Nacional. A família toda não fala de outra coisa. Estamos orgulhosos.

JORGE
É. É uma conquista.

CARLOS
Já ficou pronto?

JORGE
Eu esqueci que já tinha feito.

Carlos fica desconfiado.

CARLOS
Entendo. Voltando ao assunto. É claro que nem tudo é tão maravilhoso assim. Você sabe como é esse tipo de ambiente de faculdade. Tá ficando perigoso com essa gente que tem por lá.

JORGE
Como assim?

CARLOS
Ah, Jorginho. Tem que tomar cuidado com quem se anda hoje em dia.

Jorge não responde. Baixa o olhar.

CARLOS
Esses ambientes estão infestados com essas ideologias. Tem que ter muito cuidado. Você sabe como é. São novos tempos.

JORGE
Como assim?

Há um silêncio, é cortado pela fala de Carlos.

CARLOS
Você sabe qual é o meu trabalho?

JORGE
Ouvi falar...

CARLOS
Então, meu sobrinho. A gente está em busca de certas pessoas. São uns tipos assim, subversivos. Tem gente que não deveria estar na rua. E os atentados

não param de acontecer. Então qualquer informação que a gente consiga obter é muito valiosa. Não queremos que aconteça aqui o que aconteceu em outros países que não se cuidaram. A gente tem que limpar as ruas dos criminosos, dos terroristas e de todos que tenham potencial em se tornar um deles.

Jorge escuta atentamente. O sono se foi bem rápido. Carlos percebe seu tom e olha para a mesa.

CARLOS

Tem açúcar?

Jorge quase acorda de um transe.

JORGE

Vou pegar.

Jorge volta para a cozinha, pega o açúcar e leva até a mesa. Enquanto isso, Carlos começa a comer um pão. Jorge põe o açúcar na mesa e serve Carlos.

CARLOS

Ah! Não muito.

Jorge coloca o açúcar. Ele se senta e toma coragem.

JORGE

É... Tio Carlos, e o que o senhor veio fazer aqui?

CARLOS

Ah! Vamos aos fatos. Estive com sua mãe no outro dia, como disse. E ela deixou escapar que você é um ótimo aluno e que frequenta muitas reuniões do grupo de estudo, mas que estava preocupada porque um amiguinho seu foi preso em atividade subversiva, um jovem chamado Gilberto. Aí eu achei que era uma boa oportunidade para conversar com meu querido sobrinho e descobrir se ele sabe alguma coisa sobre grupos subversivos nas universidades.

JORGE

Ah... Mas... eu não sei de nada.

CARLOS

Jorginho, não mente pra mim, eu sei muito bem das coisas.

Jorge termina seu café de uma só vez. Carlos faz o mesmo.

CARLOS

Claro que eu sei que gente da minha família não se envolveria com isso, to errado?

JORGE

Não...

CARLOS

Mas me preocupa muito o movimento estudantil. Porque eles estão se tornando parte daqueles grupos terroristas, que se proclamam guerrilheiros.

JORGE

Mas eu não sei de nada disso, tio.

CARLOS

Bom, mas e esse rapaz que mora com você?

JORGE

Quem?

Carlos tira um papel do bolso e analisa.

CARLOS

O Francisco. Vocês são muito amigos?

JORGE

Não muito. A gente só mora junto... né?

CARLOS

Entendo. Mas você com certeza acaba sabendo da vida dele. E dos envolvimentos, das amizades. Das pessoas que frequentam a sua casa. Do pessoal que foi junto a um certo congresso em Ibiúna.

Carlos dá o papel para Jorge. Jorge lê o papel.

CARLOS

Aí você vai encontrar o nome de todo mundo que foi denunciado. Você não conhece ninguém? Seu amigo ta logo no topo da lista.

JORGE

Tem certeza que é ele?

CARLOS

O amigo de vocês que foi preso o identificou por foto, inclusive. E ele não tava em posição de mentir. Disse que em breve esse apartamento podia até servir de aparelho e que tinha líder do Movimento aqui dentro. Me conta tudo, Jorginho.

JORGE

Eu não sei de nada. Não acontece nada por aqui.

CARLOS

E essa menina... Elisa. Conhece?

JORGE

Sim, mas também não está envolvida com nada.

CARLOS

Jorge, para de mentir. Eu sei que você também tá envolvido até o pescoço com eles. O Gilberto deu com a língua nos dentes. Contou tudo. Disse que inclusive tem um documento importante dos terroristas escondido com vocês.

JORGE

Claro que não!

CARLOS

Então eu vou te propor uma coisa, você vai pegar o rapaz, esse Francisco, dá um jeito de pegar ele e eu levo. Eu vou tentar livrar o teu nome, porque não quero ser associado a esse tipo de coisa. O acordo é esse. Se ele for,

você fica. Mas eu não posso voltar
hoje de mãos vazias. Alguém vai
comigo.

Carlos saca um par de algemas e põe na mesa. Nesse momento a porta do apartamento abre e FRANCISCO entra. Ele logo vê a cena e para. Nesse momento, Jorge avança para Carlos e ambos caem no chão. Jorge é nocauteado. Francisco sai correndo pelo corredor. Carlos corre atrás, saca uma arma quando chega na porta. Escuta-se um disparo.

SEGUNDO ATO: O INTERROGATÓRIO

ART. 10 - FICA SUSPENSA A GARANTIA DE HABEAS CORPUS, NOS CASOS DE CRIMES POLÍTICOS, CONTRA A SEGURANÇA NACIONAL, A ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL E A ECONOMIA POPULAR. - AI-5 - DEZEMBRO DE 1968.

4 INT. SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

4

Jorge está sentado em uma mesa, ainda algemado, no centro e ao fundo do quadro. GERALDO está sentado de frente para Jorge, a câmera está bem próxima dele. PABLO está em pé do lado oposto a Geraldo.

GERALDO

Ta com sede, garoto?

JORGE

Um pouco...

GERALDO

Pablo, pega água pro garoto.

PABLO

Sim, senhor, Capitão.

Pablo sai da sala. Então Geraldo começa a olhar uns papéis na mesa. Ele olha para Jorge.

GERALDO

Vamos lá. Seu nome é Jorge Tavares Neto?

JORGE

Sim.

GERALDO

Tem quantos anos?

JORGE

Vinte e dois.

GERALDO

Reside no Rio de Janeiro?

JORGE

Sim.

GERALDO

Qual bairro?

JORGE

Copacabana.

Pablo volta com um copo de água e põe na mesa.

GERALDO

Pablo, é ele que mora perto da padaria Royale.

PABLO

Aquela de Copacabana?

GERALDO

Essa mesmo. Lá tem um pão com manteiga muito bom.

PABLO

É mesmo.

GERALDO

Mas já comeu com queijo? Como que chama mesmo? Tem um nome...

JORGE

É Royale com queijo.

GERALDO

Isso! Preciso voltar lá sem ser a trabalho. Você tá nervoso, garoto?

JORGE

É... Não...

Jorge olha para o copo. Ninguém tira as algemas de Jorge. Ele parece esperar por isso.

PABLO

Bebe a água.

Jorge entende e bebe a água mesmo com as algemas.

GERALDO

Você trabalha?

JORGE

Sou estudante.

GERALDO

Ah é, só estudante. E estuda o que?

JORGE

Direito. Na Nacional, já tem um tempo.

GERALDO

Só responde o que eu te perguntar,
garoto.

JORGE

Desculpe.

GERALDO

Qual é a sua relação com o estudante
Francisco Silva?

JORGE

A gente mora no mesmo apartamento.

GERALDO

E estudam juntos?

JORGE

Não. Ele estuda medicina.

GERALDO

Já conhecia ele antes da faculdade?

JORGE

Não.

GERALDO

E como vocês se conheceram? Os campus
não ficam perto.

JORGE

Foi em uma das festas.

GERALDO

Então é assim que vocês chamam?
Festas?

JORGE

Como assim?

GERALDO

Quem pergunta aqui sou eu. Seu amigo Francisco ta envolvido com coisa ruim, garoto. Ele foi preso e fichado em Ibiúna, e a gente sabe que você tava a caminho de lá. Não tava?

JORGE

Tava não. Eu não sei de nada. Só o que a gente escutou falar.

GERALDO

Então, Jorge. Um outro amigo de vocês, o Gilberto, sentou nessa mesma cadeira que você está. Ele não aguentou muito com a gente e abriu a boca. O pessoal ta de olho no Francisco há bastante tempo. E o mais importante é a ligação dele com os líderes do Movimento Revolucionário. Olhando aqui no depoimento do Gilberto, to vendo que teve uma reunião no apartamento de vocês em que foi um líder do Movimento.

Jorge começa a ficar com mais medo. Geraldo é muito seguro em tudo o que fala.

JORGE

Não sei de nada disso, eu não tava em casa.

GERALDO

Então você não conheceu o Vadinho?

JORGE

Vadinho? Não!

GERALDO

Não mente. O Gilberto disse que o Vadinho que liderou essa reunião. Ele é um terrorista procurado e muito perigoso pra ficar zanzando em apartamento de estudante.

JORGE

Eu não sei quem é ele.

GERALDO

Mentir aqui não vai te ajudar. O Gilberto disse que o Vadinho deixou um documento escondido com vocês. O que tem nesse documento?

JORGE

Eu juro que não sei.

GERALDO

Mais um do calabouço que acha que a gente é burro. Em que lugar do apartamento está esse documento?

JORGE

Eu... Eu juro que eu não sei do que você tá falando.

Geraldo se levanta. Sua paciência se esgotou.

GERALDO

Garoto, o Gilberto denunciou tudo. Você tá dizendo que não sabe? Então você vai apanhar até saber.

Pablo vem por trás de Jorge e aplica o telefone e em seguida diversos socos. Tudo fica desorientado.

CORTA PARA:

5 INT. - SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

5

Pablo dá uns tapinhas no rosto de Jorge para ele acordar, mas não funciona. Jorge está na cadeira. O corpo suado e machucado. Geraldo conversa com Pablo.

GERALDO

Você foi no maracanã domingo?

PABLO

Fui. Foi um jogão. O Fio fez o gol do Flamengo. O Fluminense até empatou, mas eles tinham que ganhar pra ser campeão.

GERALDO

É. Eu ouvi no rádio. A festa devia estar boa.

PABLO

E tava.

Pablo continua tentando acordar Jorge.

GERALDO

Amanhã eu vou ver o jogo da copa com o Coronel. Ele me chamou pra ir num evento lá na Presidente Vargas. Eles vão passar o jogo numa televisão colorida! Esse país agora ta com cara de primeiro mundo.

PABLO

Ele acordou.

Geraldo se aproxima de Jorge e respira fundo antes de perguntar em voz baixa.

GERALDO

Onde acontecem as reuniões do movimento de guerrilha? É isso que tem no documento?

JORGE

Não... Não sei. Eu nu-nunca fui em reunião de guerrilha. Eu sou estudante.

Pablo está andando pela sala, pega um equipamento numa estante e o apoia na mesa. Ele desenrola os fios e os prende a Jorge.

GERALDO

Então, estudante. Vamos ver se o meu amigo 220 solta a sua língua.

Pablo aciona a máquina de choque. Jorge agoniza de dor.

GERALDO

Onde o Francisco encontra o Vadinho?

JORGE

Eu não sei. Nunca participei dos encontros.

PABLO

Você acha que vai sobrar alguma coisa de você? A gente dá fim em tudo, moleque. Não sobra nada. Nem resto.

GERALDO

A não ser que você diga tudo que a gente ta querendo saber. Põe do jeito que o gringo ensinou.

Pablo prende os fios no corpo de Jorge. Geraldo aciona a máquina. Jorge treme muito com o choque. Não consegue nem gritar.

GERALDO

É só dar a informação, garoto!

A imagem sai de foco.

CORTA PARA:

6 INT. - SALA DE INTERROGATÓRIO - NOITE

6

JORGE está amarrado, deixado no chão. Está bem machucado e com medo. CARLOS entra na sala e chega bem perto dele.

CARLOS

Eu não tenho muito tempo, então vou ser bem objetivo. Eles só querem pegar o tal documento que incrimina esse garoto Francisco e pegar ele pra chegar no Vadinho. A minha vida ta bem difícil desde que eu te trouxe pra cá. Eu to sendo investigado por causa dessa merda que você se meteu, ninguém sabe que você tá aqui, e a família inteira fica me cobrando como se eu fosse o culpado. Meu nome associado a isso só ta me afundando. Já estão dizendo pra eu tirar uns dias de folga. Eu não sei por quanto tempo consigo sustentar. Pra minha vida se acertar, você tem que colaborar. Me diz onde tá o documento, que eu pego e tiro você daqui. Para de proteger terrorista.

JORGE

Você é o culpado.

CARLOS

Que?

JORGE

Você disse que te cobram como se você fosse culpado. Você é.

Carlos demora a responder, as palavras fizeram sentido em sua cabeça.

CARLOS

Isso não interessa mais. Me ajuda a te ajudar.

Jorge vira de costas.

CARLOS

Você ta entrando por um caminho sem volta.

Carlos se vira também e vai embora.

7 INT. - SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

7

Jorge está deitado no chão. Pablo agarra sua cabeça e afunda num balde de água. Jorge parece estar completamente fora de si.

GERALDO

Devagar, Pablo. Senão vai matar o garoto. O outro já morreu.

Pablo tira a cabeça de Jorge da água a tempo de Jorge ouvir as últimas palavras e se assustar.

GERALDO

Ah... Isso você ouviu, né? O seu amiguinho Gilberto não aguentou a metade do interrogatório. Garoto fraco. Mas você é forte e vai contar tudo pra gente, como a gente vai encontrar o Francisco, o Vadinho e onde tá o tal documento do Movimento.

JORGE

Mas eu não sei onde ele escondeu o documento. Eu juro!

GERALDO

Anda, garoto. Alguma coisa você tem que dizer, ou vai morrer aqui.

JORGE

Eu já disse que não sei.

GERALDO

Então a gente vai pegar a tal Elisa. O Gilberto falou que tem essa garota envolvida. Aí, Pablo. O que você acha da gente pegar ela e trazer aqui?

JORGE

Não! Isso não!

PABLO

Acho que ele vai gostar de ver a gente brincar com ela.

Geraldo dá mais um soco em Jorge e Pablo afunda sua cabeça na água novamente. Tudo se apaga.

CORTA PARA:

8 INT. - SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

8

Jorge está bem machucado e aéreo. Aos poucos ele abre os olhos, está sozinho na sala. A porta de acesso está entreaberta. Pela abertura da porta, ele consegue ver que Carlos está conversando com Geraldo. A luz da abertura incide sobre Jorge e quando a câmera mostra Carlos e Geraldo, o quadro é entre a fresta, a câmera seria a visão de Jorge.

CARLOS

Você não acha que já tá bom?

GERALDO

Não acho, não.

CARLOS

Mas o que mais a gente vai arrancar dele?

GERALDO

Tudo que conseguir. Quanto mais porrada, mais eles falam. Você sabe.

CARLOS

Eu acho que já passaram dos limites com ele.

GERALDO

Tá ficando mole porque o menino é teu sobrinho? Tá com medo de ver teu nome envolvido?

CARLOS

Medo? Eu que trouxe ele aqui, pra provar que eu não tenho nada com essa gente. Eu só acho que já machucaram demais. Tá claro que ele não sabe de mais nada.

GERALDO

Ah... Mas ele sabe de muita coisa. E tem mais, não dá pra soltar ele assim de uma hora pra outra. Como vai ficar pra gente?

CARLOS

Isso não é problema meu.

GERALDO

Então não se mete. Sua ladainha não passa dessa porta. Aqui decido eu. Se não quisesse ver o sangue do moleque, não tinha trazido ele pra cá. Faz o que o Coronel falou, tira uns dias pra se acalmar. Você chega aqui fedendo a cachaça, acha que vai resolver alguma coisa? Ele só sai daqui se a gente pegar o outro moleque.

Carlos vai embora. Geraldo olha pra dentro da sala e fecha a porta.

CORTA PARA:

9 INT. - CELA - NOITE

9

Jorge está caído no canto da cela. Ele tenta dormir, mas não consegue. Os gritos de uma mulher sendo torturada o assombram.

MULHER (OFF)

NÃO! Eu já disse tudo que eu sei! Eu vou perder meu bebê!

TORTURADOR (OFF)

Eu to pouco me fodendo! É melhor que assim você não vai parir mais um merdinha subversivo! CADÊ O MERDA DO TEU MARIDO?

Jorge tenta abafar os ouvidos.

10 INT. - SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

10

Jorge está sentado novamente na cadeira. Está visualmente acabado. Pablo está em pé como segurança na porta.

PABLO

Rapaz, você é muito sortudo. A gente sabia que era questão de tempo até alguém dar um jeito.

Geraldo entra na sala, trazendo um copo de água. Jorge se assusta com a mera presença dele. Pablo e Geraldo riem.

PABLO

Calma, garoto.

GERALDO

Ele passou por poucas e boas, Pablo.

PABLO

Vamos, garoto, bebe essa água. O seu carro vai sair daqui a pouco.

Jorge não fala nada. Só observa os dois homens. Devagar ele pega o copo e analisa o conteúdo.

GERALDO

Bebe logo.

Jorge bebe a água.

GERALDO

Seu tio fez um acordo com a gente, ele vai te ajudar. Ele vai pegar o Francisco. Sabia que eu passei lá na padaria outro dia? Pedi um pãozinho daquele. Se tiver tempo, a gente ainda para lá de novo.

Jorge termina o copo e apoia na mesa.

GERALDO

Garoto, você vai pra um lugar bem melhor agora. Depois a gente ainda vai rir disso. Um dia, você vai tomar jeito e ainda vamos tomar um café na padaria Royale.

Jorge não reage.

JORGE

Pra onde vocês vão me levar?

GERALDO

Pra um lugar bem bacana, no alto da serra. Você vai passar um tempo lá até tudo se acalmar e seu tio pegar o Francisco.

11 INT. - SALA DE FOTOGRAFIA - DIA

11

Jorge é posicionado de frente para a câmera. Ele segura uma placa com seu um número. Vê-se o flash da fotografia.

CORTA PARA PRETO:

TERCEIRO ATO: O DESFECHO

12 INT. - CORREDOR DO PRÉDIO DE JORGE - DIA 12

Plano sequência. O quadro abre mostrando FRANCISCO fechando a porta do apartamento e saindo pelo corredor. Ele tem um andar descontraído. Ele anda pelo corredor do prédio, e desce pelas escadas. Nesse momento, a porta do elevador se abre e sai CARLOS. CARLOS vai andando pelo corredor até a porta do apartamento. Ele bate na porta. Quem abre a porta é JORGE. CARLOS estende a mão para JORGE, que a aperta devagar.

CARLOS

Bom dia, Jorginho.

JORGE

Bom dia, tio.

FADE OUT

13 INT. - CORREDOR DO PRÉDIO DE JORGE - DIA 13

Francisco aparece voltando pra casa, ele está terminando de comer um sanduíche de queijo. Ele caminha tranquilamente pelo corredor. Está satisfeito. A câmera o acompanha enquanto ele se encaminha para a porta do apartamento. Ele abre a porta e se depara com a cena do início do filme: Carlos está com uma algema na mão. Carlos olha para Francisco e Jorge avança nele. Nesse momento, Francisco sai correndo de volta pelo corredor, ele desce pelas escadas. Nesse momento se escuta um disparo.

14 INT. - CORREDOR DA UNIVERSIDADE - DIA 14

10 DIAS DEPOIS

Francisco desce uma escadaria apressado pela faculdade, segurando livros. Ele encontra ELISA e a leva para uma sala de aula vazia. Do lado da porta da sala há um cartaz de desaparecido com a foto de JORGE.

15 INT. - SALA DE AULA - DIA 15

Francisco entra na sala com ELISA, ela está apreensiva, em pé. Ele fica de frente para ela.

FRANCISCO

Oi.

ELISA

Oi. Tudo bem?

FRANCISCO

É. A gente precisa conversar. Como você tá?

ELISA

Vivendo. Com medo, mas vivendo.

Francisco senta ao lado de Elisa, ele respira fundo, está apreensivo.

FRANCISCO

Elisa, o documento que o Vadinho me deu pra esconder ficou no apartamento. Desde que o Jorge foi preso, eles têm acesso a tudo, aquele tio dele deve ter revirado o lugar já. Se encontrarem, já era.

ELISA

Mas tá bem escondido, Chico. Já tem tempo e até agora nada. Se eles tivessem achado já tinha acontecido alguma coisa.

FRANCISCO

É uma possibilidade. Mas ainda assim, acho que a gente tem que falar com o Vadinho e nos reunir com os outros companheiros, a coisa tá pior agora, aqui não é mais seguro pra gente.

ELISA

E você acha que eles vão ajudar?

FRANCISCO

Claro que vão. Nós somos o futuro, é a hora de lutar. E ele realmente acha que tá tudo seguro com a gente.

ELISA

Cuidado. Cuidado com tudo. Se eles pegaram o Gilberto e o Jorge, podem pegar a gente também, quem garante que eles não abriram a boca?

FRANCISCO

Eles não iam fazer isso. Eles sabem.
Fizeram um pacto com a gente.

ELISA

Mas se o que falam é verdade, Chico,
eles vão ser torturados até falar.

Elisa começa a chorar. Francisco a abraça.

ELISA

Eu sinto tanta falta dele. E ninguém
fala nem onde ele tá!

FRANCISCO

Eu também, Elisa. Eu também. Mas a
gente precisa botar a cabeça no lugar.

Eles se soltam.

ELISA

Vamos embora daqui, vamos fugir, chega
disso. Eu não quero morrer.

FRANCISCO

A gente não vai morrer. Mas eu tenho
que voltar no apartamento e pegar o
documento antes deles. Ou o Vadinho
vai achar que eu sou um traidor, ele
confia em mim. Ele não vai aceitar que
eu volte de mão abanando.

ELISA

É perigoso, Chico.

FRANCISCO

Mas eu já me convenci. A gente tá
sendo preso e sumindo nos porões,
sendo torturado. Não existe outro
caminho que não seja a luta armada.

FADE OUT

16 INT. - CORREDOR DO PRÉDIO DE JORGE - NOITE

16

O elevador chega no andar, o quadro mostra a porta por fora.
Quando a porta se abre, Francisco sai de dentro dela. Ele
caminha em direção ao apartamento. A câmera o acompanha. Ele
anda tentando não fazer barulho.

17 INT. - INTERIOR DO APARTAMENTO - NOITE

17

A câmera mostra a porta, por dentro do apartamento. Está tudo apagado. A porta se abre e Francisco entra. Fazendo o mínimo de barulho possível. Quando ele chega na sala, se escuta o barulho de um copo batendo na mesa. Carlos está sentado na mesa. Ele pousou um copo vazio nela. Seu visual é de alguém completamente acabado. Sua arma está na mesa, em cima de um papel de pão com migalhas. Há um envelope também na mesa. O resto do apartamento está revirado. Carlos está um pouco embriagado. Carlos acende o abajur da sala. Os dois homens se olham.

CARLOS

Olha quem apareceu.

FRANCISCO

Quem é você?

CARLOS

Não precisa se fazer de desentendido. Não comigo. Você sabe quem eu sou. E eu te conheço bem já. Sabia que você ia voltar aqui pra buscar esse envelope em algum momento. O terrorista não ia te aceitar sem isso, né? Não tem lado bom pra você.

FRANCISCO

Eu não sei do que você ta falando. Eu só vim pegar minhas roupas, eu moro aqui. Cadê o Jorge? O que vocês fizeram com ele?

CARLOS

Deixa eu te contar uma história... Quando eu era pequeno, todo dia eu ia pra estação de trem esperar meu pai chegar. Ele trabalhava na extensão da ferrovia da nossa cidade, um lugarzinho no interior, chama Solidão. Eu fazia as lições do colégio e ia até lá de bicicleta. Todo dia o trem passava pontualmente as 5:48 e meu pai descia. Sempre. Ele nunca se atrasou, nunca pegou o trem errado. O orgulho dele era ser pontual. Um dia o trem chegou atrasado e ele não desceu. O trem seguinte passou. Nada. Eu esperei

até o último. Uns caras passaram pela estação e assaltaram o trem dele. Meu pai não quis entregar o salário do dia pra eles, mataram ele. Desde aquele dia eu jurei que ia servir ao bem e proteger as pessoas pra que não passem por isso.

FRANCISCO

Do que você tá falando?

CARLOS

Garoto, você acha mesmo que vale a pena sair por aí se envolvendo com terrorista? Roubando banco, sequestrar embaixador, matar gente inocente pela sua causa?

FRANCISCO

Eu nunca peguei em arma. Mas a liberdade acabou, acabaram com a liberdade usando as armas. E a única forma de conquistar ela de volta é respondendo na mesma medida. Não adianta só fazer passeata e distribuir flores.

CARLOS

É...

FRANCISCO

E você acha certo tudo o que vem acontecendo? O que aconteceu com o Jorge?

CARLOS

A gente tem que limpar as ruas dos subversivos. Mas o que sobrou pra mim agora? Eu faço o meu trabalho. Eu obedeço ordens. Sou bom nisso. Mas de que adianta? Pra alimentar o ego dos meus superiores? Porque eles não conseguem admitir a verdade. Esse sistema não vai se sustentar.

FRANCISCO

E é por isso que a gente luta, pra escolher o nosso sistema. Quando o povo souber o que realmente acontece nos porões, tudo vai mudar.

Carlos olha para Francisco. Francisco olha para a arma.

CARLOS

O povo não liga pra nada do que acontece. As pessoas só querem saber do próprio rabo. Fingem que são cegos e que não sabem nada pra se salvar, ou então pra ganhar algum dinheiro. Esse povo que adora um jeitinho pra tudo, e tem um orgulho absurdo de conseguir passar alguém para trás. E mais, vocês só querem uma ditadura a seu próprio favor.

FRANCISCO

Não é assim que funciona. A gente tem que lutar por igualdade, o povo tem o direito de escolher o que quer para si. Vocês não podem exterminar a oposição.

CARLOS

Enquanto tiver gente igual a você na rua, vai ter gente igual a mim.

FRANCISCO

Nós somos muitos! A gente quer liberdade. Você não acha certo?

CARLOS

Tem que ter responsabilidade pra isso. Mas nada disso me interessa mais. Olha só pra mim. Não me sobrou mais nada. Minha irmã me odeia, minha mãe me odeia, minha mulher me deixou. Tudo porque eu fiz o certo, que era entregar meu sobrinho subversivo pra acabar com o terrorismo. Só que agora esse sobrinho deve estar numa vala. E eu não fiz nada. A única coisa que eu tenho é o meu trabalho. Só que meu trabalho é matar. Talvez seja isso que eu tenha que fazer, essa é a minha missão. São tempos sombrios, não tem como negar.

Os dois homens se encaram.

CORTA PARA

18 INT. - CORREDOR DO PRÉDIO DE JORGE - NOITE 18

O elevador chega ao andar mais uma vez. Dessa vez, Elisa sai de dentro dele, ela vai caminhando devagar.

CORTA PARA

19 INT. - INTERIOR DO APARTAMENTO - NOITE 19

Carlos reage ao barulho do elevador e olha para fora.

CARLOS

Você trouxe mais alguém?

Quando Carlos se vira, Francisco está segurando a arma que pegou na mesa. Carlos percebe a gravidade da situação. Francisco está decidido.

FRANCISCO

Não. Eu vim sozinho.

CARLOS

Não entra por esse caminho. Você vai perder.

FRANCISCO

Eu não tenho outra opção.

CORTA PARA

20 INT. - CORREDOR DO PRÉDIO DE JORGE - NOITE 20

Elisa chega na porta do apartamento. Escuta-se um disparo. Elisa leva as mãos aos ouvidos e se joga ao chão para se proteger.

21 INT. - INTERIOR DO APARTAMENTO - NOITE 21

Elisa vê Francisco e entra devagar na sala, ela está completamente assustada, Francisco está em pé, ainda tentando entender o que aconteceu, Carlos está morto. Francisco ainda segura a arma. Elisa corre e abraça Francisco. Francisco está incrédulo, quase imóvel, mas a abraça de volta.

ELISA

O que você fez?

FRANCISCO

Vamos embora, a luta está só
começando.

Elisa chora mais ainda. A câmera vai se afastando do
apartamento, se afastando da cena, até escurecer a imagem.

FIM